

Exposição na mídia e o impacto da crise dos refugiados

A imagem do corpo do menino sírio Aylan Kurdi, de apenas três anos, afogado em uma praia da Turquia enquanto tentava, junto com seus pais, fugir da guerra gerou comoção mundial por meio da mídia de massa. A mesma coisa aconteceu com o imigrante húngaro que levou uma rasteira de uma operadora de câmera enquanto tentava entrar no país. Este acabou caindo com o filho nos braços depois deste ato hediondo.

Todos estes fatos foram transmitidos em diversos canais ao redor do mundo, causando comoção, revolta e um forte sentimento de solidariedade. O problema é que, em poucos dias, tudo caiu no esquecimento. Boa parte dos países que abriram as portas, pressionados pela comunidade mundial, tornaram a fechá-las. A Hungria foi um dos primeiros, construindo grades enormes, cercas de proteção e lançando gás de pimenta contra os imigrantes.

Apesar de grande parte da população alemã declarar total apoio aos refugiados e refugiadas, o governo do país estabeleceu forte controle na fronteira com a Áustria, e o governo desta nação também anunciou maior rigor para evitar a entrada de estrangeiros ilegais. O ministro do Exterior da Alemanha fez um “apelo”, pedindo que as nações próximas sejam mais rigorosas e tomem medidas para controlar os refugiados. A resposta veio da população de seu próprio país, que organizou grandes mobilizações em desabono às declarações.

Em sua tentativa de colaborar, muitas vezes a mídia ainda falha mostrando os refugiados e imigrantes como pessoas de má índole, com interesses turvos, algo que não corresponde à situação concreta vivida por essas pessoas. Esta atitude facilita para que países estrangeiros e também o Brasil fechem ainda mais as portas a estas pessoas. Em contrapartida, em outros momentos, a mídia de massa os coloca como vítimas de um sistema social falho, e é nessas horas que a população mundial se comove, mesmo que a curto prazo, e se mobiliza para ajudar na causa. Tudo depende de interesses comerciais de terceiros, no caso, as empresas privadas de comunicação.

“Produtos, mercadorias, coisas podem circular normalmente no planeta, não as pessoas. É assim que a mídia muitas vezes constrói a imagem do migrante e refugiado. O direito de ir e vir é negado e condenado quando se trata do ser humano. A impressão é que a mídia quer ter conteúdo para noticiar sem ter preocupação com a qualidade e com o que realmente a humanidade pode fazer diante da situação”, explica irmã Delires, da Cáritas Regional de Manaus.

Sempre procurando seguir o fluxo do momento, a grande mídia vai na onda das tragédias, dando pouca importância às causas das mesmas. “A mídia trabalha conforme a onda e o impacto social, seja boa ou má a notícia. A mídia ocidental em especial ainda é influenciada pelas superpotências que têm o controle econômico do mundo”, afirma Marcos Calixto, gerente nacional de Missões com Etnias no Brasil.

Irmã Rosita, fundadora do Instituto de Migração e Desenvolvimento Humano (IMDH), junto com Paula Cury, classifica este fenômeno da mídia como uma “superexploração”, especialmente no Brasil. “O impacto causado pelas imagens de Kurdi mostra que, por mais impressionantes que sejam as estatísticas, as pessoas se interessam e se sensibilizam mais com imagens e histórias pessoais. Por esse motivo, a mídia muitas vezes acaba superexplorando a tragédia humana, tratando refugiados e imigrantes apenas como vítimas, e não como sujeitos, como agentes”, avalia a irmã.

Em conjunto com esta superexploração, a mídia de massa por vezes divulga fatos sem ter o cuidado de contextualizá-los. “Por outro lado, é comum que, na ânsia de simplificar a notícia e torná-la interessante para o público, a grande mídia acabe por veicular estatísticas sem contextualizá-las. Por exemplo, no Brasil a mídia repete insistentemente que há um número recorde de refugiados no país e que esse número dobrou nos últimos quatro anos. Entretanto, raramente se explica que esse número é quase inexpressivo quando comparado ao total de refugiados no mundo – menos de 10 mil no Brasil e mais de 20 milhões no mundo”, destaca irmã Rosita.

Esta falta de contextualização da situação dos refugiados e imigrantes, especialmente no Brasil, pode causar posturas extremamente negativas com

relação a estas pessoas, incluindo comportamentos violentos motivados, em sua maioria, pela xenofobia e pelo medo dos brasileiros de terem seu espaço tomado, invadido, dividido, principalmente se for considerar o cenário de uma eventual crise econômica, no qual as oportunidades já estejam limitadas.

“A grande mídia não explica que mesmo esse número recorde de refugiados corresponde a uma parcela ínfima da população brasileira. De fato, os imigrantes e refugiados residentes no Brasil correspondem a apenas cerca de 1% da população do país. O problema de enfatizar o número recorde sem contextualizá-lo é que isso pode servir para motivar posturas xenofóbicas, como as ideias de que não há espaço para tantos imigrantes no país, de que eles roubam os empregos de brasileiros ou ainda de que o governo não deveria despender recursos para acolher imigrantes e refugiados”, salienta a Irmã.

Outro ponto destacado e superexplorado pela mídia é o preconceito ligado à etnia e à religião, já que muitas dessas pessoas vêm de países onde os costumes são completamente diferentes dos locais que elas escolhem para refúgio. Por terem religiões diferentes, práticas diferentes e por virem de países mundialmente reconhecidos como berço do terrorismo, estas pessoas podem ser *desumanizadas* pelos grandes veículos de comunicação.



(menina síria refugiada na Turquia. Foto: Bulent Kilic/AFP)

“Na maioria das reportagens, destaca-se o descaso de alguns países em apoiar os refugiados, considerando casos como superpopulação e falta de estrutura para recebê-los. Mas o problema reside principalmente no preconceito étnico-religioso da origem dessas famílias. Isso trouxe à tona questões como o conservadorismo medieval (caso da Hungria), a necessidade de aceitar imigrantes em países com população envelhecida e sem mão de obra (a Europa atual), os imigrantes como moeda de troca para uma posição definitiva na União Européia (caso da Turquia), a exposição selvagem do ódio xenofóbico (caso da cinegrafista que chutou refugiados). É importante lembrar que o que está sendo tratado com ênfase é a questão dos refugiados, mas há também os imigrantes (que vêm em busca de um emprego/vida melhor e não em fuga)”, explica a jornalista Alexandra Fiori.

A situação torna-se crônica e acaba virando um ciclo vicioso, uma vez que o enfoque sempre está na acolhida aos refugiados e imigrantes por outros países, mas em poucos momentos discute-se o maior problema, que é o fim da guerra nos países de origem dessas pessoas. “Diria ainda que falta o impacto disso de forma efetiva, pois fala-se da situação dos refugiados e o foco fica somente em como dividir esse número entre os demais países, como recebê-los e atendê-los, mas não se fala em resolver o problema interno na Síria (a principal origem dos refugiados), por exemplo. Ao que parece, ninguém pretende enfrentar Bashar al-Assad, tanto que deixou-se caminho aberto para a Rússia fazer um jogo para ‘inglês ver’ (atacar os rebeldes contra o ditador ao mesmo tempo em que ataca algumas forças do Estado Islâmico). Parece haver uma paralisia da política mundial em relação ao que ocorre naquela região”, salienta Alexandra.

Há também o caso de países que enfrentam conflitos, mas que, por serem menores e não chamarem tanta atenção – como o Iêmen, por exemplo –, acabam caindo no esquecimento. Eventos como a Primavera Árabe, que ocorreu em 2010, começando no Egito e se expandindo para outros países, parecem ter perdido a força, ou nunca tê-la tido de fato. “A chamada ‘Primavera Árabe’ (ar-rabīṣ al-ʿarabī) parece ter murchado em quase todos os países em que floriu em 2010. Além disso, os países mulçumanos mais fechados não têm

a visibilidade que se precisa ter. Pouco se sabe de informações sobre a situação dessas populações. Contudo, se não houver uma mobilização de lideranças mundiais contra grupos extremistas como o Estado Islâmico e, definitivamente, contra governos ditadores (e isso não requer necessariamente invasão norte-americana), a situação dos refugiados infelizmente deve continuar”, explica Alexandra.



("Refugiados são serem humanos". Foto: Google)

Pontos positivos e o papel das entidades sociais

Por maior que seja a manipulação da mídia de massa diante da atual crise dos refugiados, esta exposição tem seus pontos positivos, se forem corretamente explorados. “Talvez a população mundial conheça um pouco mais agora a realidade dessas pessoas no Oriente Médio, mesmo que ainda falte mais ênfase nas reportagens sobre a igualdade dessas pessoas do Oriente - obviamente com as diferenças culturais - com a nossa vida Ocidental. É

preciso agora esclarecer principalmente - e pela segurança desses refugiados em todo o mundo Ocidental - que nem todo muçulmano é terrorista, por exemplo. Que as pessoas que vêm de outros países estão em busca de novas oportunidades de vida. Haveria um lado positivo se déssemos mais ênfase nisso nas notícias”, explica Alexandra.

Como agente formador de opinião das pessoas, a grande mídia tem a possibilidade de ajudar a mudar o curso e o destino dos refugiados e imigrantes, transmitindo não só tragédias e demonstrações de xenofobia, mas sim dando ênfase também a possíveis soluções, possibilitando ao cidadão um pensamento crítico e solidário com relação a estes irmãos.

“A grande mídia tem um importante papel como agente formador da opinião pública. No que tange aos impactos positivos da superlativação da temática, destaca-se o fato de que a pressão midiática serviu para pressionar os governos a agirem de forma mais incisiva e darem início a ações articuladas na proteção aos refugiados, principalmente na Europa, em termos de comunidade. O impacto foi tão grande que foi perceptível mesmo aqui no Brasil, aumentando sobremaneira a mobilização da população em relação à temática, sensibilizando muita gente, motivando o voluntariado, gerando colaborações e doações em favor dos próprios refugiados, bem como ajudando organizações que trabalham junto à população migrante”, explicam Irmã Rosita e Paula Coury.

Gelson Nezi, representante da Cáritas Regional de Santa Catarina, reforça o pensamento de irmã Rosita e explica que “a exposição midiática pode abrir canais de diálogos, reflexões e ações que exponham a real situação vivida por estes povos, mostrando as causas, consequências, bem como apontando a questão dos refugiados como algo histórico, ou seja, que já aconteceu anteriormente e que acontecerá no futuro com muito mais peso”.

Cássio Allan Silveira, 23 anos, funcionário da Educafro, vai um pouco mais além e salienta que a divulgação da mídia é um potente agente motivacional de repúdio ao que as guerras estão causando em termos de direitos humanos. “O

impacto que isto causa na sociedade é o repúdio pelas infrações aos direitos humanos gerando uma sensação e uma reflexão de ‘quanto vale uma vida humana?’. Também nos traz a reflexão sobre porque um continente como a Europa, altamente desenvolvido, precisa ter a pressão da mídia para se sensibilizar e se colocar diante de pessoas vitimas de sistemas banalizados, destruídos e corrompidos, que não respeitam a moral e a dignidade do próprio cidadão”, afirma Cássio.

Fora isso, existe ainda o olhar da população para entidades sociais, que nestes momentos de grandes tragédias noticiadas pela mídia acabam encontrando uma oportunidade de visibilidade e de incentivo à ajuda ao próximo. “Positivamente mais pessoas e instituições têm nos procurado para apoiar nosso trabalho e estender as mãos em solidariedade”, explica Calixto.



(Refugiados sendo atendidos pela Caritas em Mafrak)

“A sociedade acolhe, mas depois quem dá continuidade àquela situação é a Igreja. Quando a mídia já esqueceu o assunto, a Igreja continua refletindo. A Igreja hoje continua atenta ao terremoto no Haiti, enquanto a mídia já não fala

mais nisso. Nenhum de nós tem que entrar na onda da mídia. Precisamos ter a nossa própria onda, nossa própria vibração, nossa atitude própria e constante”, afirma Padre Marcelo, da Cáritas Diocesana de São Paulo.

Os impactos da solidariedade da Igreja, de entidades sociais e das pessoas de um modo geral são visíveis e significativos para estes irmãos. “Sempre recebemos ajuda de alguém, seja com comida, com o dinheiro de uma parcela do aluguel ou com assistência emocional. Assim que chegamos ao Brasil, obtivemos uma solidariedade imensa da irmã Rosita, que nos acolheu e acolhe até hoje e nos proporcionou um primeiro passo para a independência aqui. Queremos voltar para a Síria, mas enquanto isso não é possível, a solidariedade das pessoas é importante para nos manter em pé”, explica Jana, refugiada síria que está há um ano e meio em Brasília.

Independente dos aspectos que a mídia traz em termos negativos ou positivos, é importante filtrarmos e usarmos estas informações não só para ficar por dentro da situação dos nossos irmãos, mas também para mantermos viva uma corrente de solidariedade que trabalhe sem cessar em prol dos que mais precisam.

Por Tanara Adriano de Oliveira